

PERCEPÇÕES ÉTNICAS E O CORPO EM JUNOT DÍAZ

Dr. DIONEI MATHIAS
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil
(dioneimathias@gmail.com)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar estratégias narrativas utilizadas para a formação da narrativa de pertencimento étnico no romance *A fantástica vida breve de Oscar Wao*, escrito por Junot Díaz e publicado em 2007. Após uma discussão teórica em torno do conceito de etnicidade desenvolvido por Burgess e Eller, o artigo busca entender o papel do corpo no processo de construção de uma narrativa de grupo étnico, com foco no protagonista Oscar Wao. A discussão defende que o corpo tem um papel central nesse romance: primeiro quando o protagonista tenta, em sua primeira socialização, internalizar a rede simbólica corporal considerada apropriada pelo grupo e, num segundo momento, ao mostrar que a dissonância entre expectativas de grupo e concretização de identidade permanece como elemento caracterizador constante no percurso do protagonista.

Palavras-chave: Junot Díaz. *A fantástica vida breve de Oscar Wao*. Etnicidade. Pertencimento. Corpo.

Artigo recebido em: 24 abr. 2020.
Aceito em: 11 maio 2020.

ETHNIC PERCEPTIONS AND THE BODY IN JUNOT DÍAZ

ABSTRACT: This article aims to analyze narrative strategies used in the formation of a narrative of ethnic belonging in the novel *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao*, written by Junot Díaz and published in 2007. After a theoretical discussion about the concept of ethnicity developed by Burgess and Eller, this article tries to understand the role of the body in the process of construction of an ethnic group narrative, focusing on the main character Oscar Wao. The discussion argues that the body has a central role in this novel: firstly, when the main character tries, in his first socialization, to internalize the corporeal symbolic net considered adequate by the group and, secondly, when discussing that the dissonance between group expectations and identity performance remains an ongoing characterizing element in the main character's path.

Keywords: Junot Díaz. *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao*. Ethnicity. Belongingness. Body.

INTRODUÇÃO

Publicado em 2007, o romance *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao*, publicado no Brasil com o título *A fantástica vida breve de Oscar Wao* na tradução de Flávia Anderson, foi vencedor do Prêmio Pulitzer de 2008 e continua sendo uma das mais importantes obras de Junot Díaz. O autor nasceu na República Dominicana em 1968 e, ainda muito jovem, emigrou com sua família para os Estados Unidos. Nesse contexto de produção literária, Junot Díaz vem se estabelecendo como uma importante voz hispânica no cenário nacional americano e contribuindo para a reconfiguração desse campo literário. O romance tem como enredo o percurso biográfico do jovem Oscar de León, apelidado de Oscar Wao, e as dificuldades enfrentadas por sua família no processo de assentamento. Oscilando entre presente e passado diegético, o texto encena o presente sombrio, especialmente da segunda geração de imigrantes nos Estados Unidos e a situação política no país de origem da primeira geração, neste caso, a República Dominicana, que motiva a imigração.

O romance condensa inúmeros fatores que caracterizam fluxos migratórios, abordando questões de memória, pertencimento, identidade, mas também de violência e de dificuldades de adaptação. Além dos conflitos estritamente

relacionados ao contexto de imigração, o jovem Oscar Wao enfrenta, ao mesmo tempo, uma série de outros desafios que dificultam sua inserção na sociedade americana ou mesmo no grupo minoritário ao qual se sente afiliado. Um desses conflitos reside nas expectativas relacionadas às narrativas étnicas que perpassam o imaginário da sociedade americana e que encontram seu reforço, sobretudo, dentro dos próprios grupos minoritários. Nesse caso, trata-se da imagem criada para caracterizar o que seria o homem dominicano, na interseção entre etnicidade e papéis de gênero. Esse conflito não ocorre exclusivamente nos Estados Unidos, pelo contrário, trata-se de uma constante na literatura de fluxos migratórios. Assim, jovens de origem turca na Alemanha, de descendência árabe na França ou de raízes paquistanesas na Inglaterra experimentam questionamentos semelhantes àqueles encenados por Junot Díaz por meio de seu protagonista dominicano.

Como mencionado, o conflito ocorre numa interseção entre pertencimento étnico e pertencimento de gênero. Neste caso específico, trata-se da narrativa constituída a partir dos eixos “homem” e “dominicano”. Burgess (1978, p. 270), define etnicidade como:

o caráter, a qualidade ou a condição de filiação de grupo étnico, baseada numa identidade com e/ou numa consciência de pertencimento de grupo que é diferenciada de outros, por meio de “marcadores” simbólicos (incluindo culturais, biológicos ou territoriais) e que está arraigada em laços de um passado compartilhado e na percepção de interesses étnicos.¹

Eller (1997) reforça esse entendimento ao defender que etnicidade surge como narrativa que representa um grupo de atores sociais que identificam para si uma base comum compartilhada por todos os membros. O ponto de partida para a formação dessa narrativa, portanto, parece residir na identificação de elementos comuns que permitam legitimar até certo ponto a formatação de um grupo. Com a consciência de grupo instaurada, a narrativa permite criar estratégias de representação, enfeixamento de esforços para o alcance de objetivos comuns e dinâmicas de solidariedade para os interesses dos membros desse grupo. Ao mesmo tempo em que a narrativa permite instaurar uma voz própria que questiona imposições e defende interesses diante de grupos majoritários, ela também está caracterizada pelo princípio de inclusão e exclusão. Isto é, para fazer parte de um determinado grupo, é preciso apresentar determinadas características ou credenciais para que isso seja possível.

¹ "the character, quality, or condition of ethnic group membership, based on an identity with and/or a consciousness of group belonging that is differentiated from others by symbolic 'markers' (including cultural, biological, or territorial), and is rooted in bonds to a shared past and perceived ethnic interests" (BURGESS, 1978, p. 220).

Um outro aspecto importante dessa narrativa reside em seu teor de objetividade, segundo Eller (1997). Para que a narrativa possa servir como instrumento de identificação e representação, a objetividade tem um papel importante para processos de legitimação daquilo que representa um grupo:

Etnicidade, desse modo, é subjetiva, mesmo sendo baseada em, referindo-se a ou invocando marcadores culturais ou históricos compartilhados “objetivos”. A primeira de várias questões que possivelmente vou levantar [...] é qual parte da cultura é usada por um grupo específico e por quê. Nenhum grupo étnico trata todos os aspectos de sua cultura ou história como marcador de sua identidade; seria estranho, se não impossível, fazer assim, e, além disso, para qualquer grupo, alguns elementos de sua cultura serão *os mesmos* que aqueles de outro grupo, assim frustrando o objetivo de se distinguir do outro grupo. (ELLER, 1997, s/p.)²

Eller chama a atenção para a arbitrariedade da composição dessa narrativa, indicando que, mesmo havendo elementos compartilhados que legitimam a gênese da identidade de grupo, sua seleção é fruto de um trabalho de construção narrativa, em que alguns elementos recebem relevo, enquanto outros são descartados. Desse modo, essa forma de organização narrativa apresenta dois aspectos. Por um lado, essa formação discursiva permite que grupos organizem marcas de identificação e, com isso, o enfeixamento de energia e a instauração de uma voz própria, o que abre o caminho para a participação na produção discursiva de um contexto nacional, por exemplo. Por outro lado, no entanto, ela também apresenta desafios, pois pode excluir aqueles que não apresentam as características necessárias para legitimar sua participação nesse agrupamento.

O protagonista do romance em questão, de certo modo, se enquadra justamente nessa última situação, ao não apresentar uma série de elementos necessários para pertencer ao grupo, nesse caso, especialmente, dos latinos dominicanos. Embora a latinidade não esteja no centro dessa narrativa, pois se limita a problematizar o pertencimento ao grupo dominicano, ela representa um conflito importante no horizonte na nação. Eller (1997) chama a atenção para o quão problemático o termo latino acaba sendo, uma vez que reúne as mais diversas origens culturais, raciais e de classe. Isso dificulta ainda mais a manutenção dessa etiqueta de grupo, pois o ponto de partida e os desafios de inserção na sociedade americana são diferentes, dependendo da interseção que marca a existência do

² "Ethnicity is, thus, subjective, even while it is based on, refers to, or invokes 'objective' or shared cultural or historical markers. The first of several issues I might raise [...] is which part of culture is used by a particular group and why. No ethnic group treats all aspects of its culture or history as markers of its identity; it would be awkward if not impossible to do so, and besides, for any group, some elements of its culture will be *the same as* those of another group, thus defeating the purpose of distinguishing it from the other group" (ELLER, 1997, s/p.).

respectivo indivíduo. Enquanto os diferentes grupos minoritários tendem a experimentar desconforto com essas narrativas de homogeneização, os grupos majoritários as usam com maior frequência, incutindo, por vezes, expectativas comportamentais.

Juntam-se a esse problema específico do pertencimento a uma narrativa étnica as expectativas de gênero, neste caso, de masculinidade. Cada cultura tende a oferecer já no cerne da família modelos de gênero a serem seguidos. Assim, o processo de socialização treina o sujeito a corresponder a determinadas expectativas em relação à feminilidade ou à masculinidade. Esse processo é reiterado em diferentes instâncias da sociedade, exigindo do indivíduo um posicionamento de conformidade, a fim de evitar questionamentos. Em havendo inconformidade com as expectativas existentes num espaço de interação, o indivíduo acaba se tornando alvo de atenção, em forma de vigilância e eventual punição, para que ocorram as revisões que o grupo considera adequadas. Nisso, há dois caminhos: se a revisão ocorrer, o pertencimento ao grupo passa a ser afirmada. Em havendo afastamentos claramente visíveis, tende a ocorrer a rejeição, com exclusão do grupo. Esses agrupamentos podem ser organizados tanto pelo vetor de gêneros como pela afiliação étnica.

Nesse sentido, este artigo deseja discutir o conflito de pertencimento étnico, com suas expectativas de gênero no romance de Junot Díaz. Com foco no protagonista Oscar Wao, a discussão deve recair em especial na articulação do corpo entre etnia e gênero. Assim, num primeiro momento, o artigo reconstrói como expectativas relativas ao corpo são articuladas nos círculos sociais mais próximos, induzindo o protagonista a seguir determinado roteiro de comportamentos para alcançar o protótipo do homem dominicano, que impera na comunidade de imigrantes nos Estados Unidos. Num segundo momento, a atenção se volta para as dissonâncias entre as exigências do grupo e a real concretização do corpo marcado pela diferença para a obtenção de pertencimento.

EXERCÍCIOS DO CORPO

O percurso biográfico do jovem Oscar Wao é traçado por uma série de desvios de expectativas. Isso se junta ao fato de ser filho de imigrantes, numa configuração sociocultural e econômica relativamente fragilizada. Sem pai, Oscar Wao cresce sob os cuidados da figura materna, a qual teve que fugir da República Dominicana por conta de experiências traumáticas de violência. Além da figura materna, que por vezes se revela bastante intransigente em suas visões de mundo, Oscar apresenta problemas de obesidade e de habilidades de interação social, tendo dificuldades massivas no processo de socialização, especialmente porque seu desejo de pertencimento em diferentes grupos lhe é repetidamente negado.

Nesse percurso, ele enfrenta também os desafios relacionados às expectativas do grupo étnico, com sua imagem específica de gênero.

O narrador, não sem claros traços de ironia, expõe esse ponto de partida da primeira socialização, indicando a narrativa para a qual Oscar recebe treinamento no contexto mais próximo de parentes e amigos:

Nosso herói não era um daqueles caras dominicanos que vivia na boca do povo – não se tratava de um rebatedor venerado, nem de um bachatero badalado, tampouco de um playboy cheio de mulheres aos pés.

Salvo um curto período no início da vida, o cara sempre se deu mal com as gatas (um lado seu *nem um pouco* dominicano).

Ele tinha 7 anos, na época.

Naqueles anos abençoados da infância, Oscar era, de certo modo, um Casanova. Um daqueles moleques assanhados da escola, que tentava beijar as meninas a toda hora e sempre se aproximava delas por trás, nos merengues, movendo a pélvis; o primeiro cara a aprender o perito e a dançá-la na primeira oportunidade. (DÍAZ, 2009, p. 20, grifo no original)

O primeiro segmento do romance, que relata o percurso existencial de Oscar Wao, começa com a descrição indireta daquilo que supostamente caracteriza o homem dominicano. A partir da negação, o narrador dá início à caracterização do protagonista, revelando um imaginário em volta de pertencimento étnico e masculinidade, que permeia o pensamento do grupo em que Oscar Wao negocia sua identidade. Os elementos que formam a base para esse pertencimento étnico estão atrelados, antes de mais nada, ao esforço de obter destaque e admiração. Assim, o indivíduo deve, seguindo essa introdução, ser fisicamente atrativo e se sobressair em esportes e música. Nos três aspectos, há uma clara predominância do corpo como base para a produção simbólica e como chave de acesso à narrativa de pertencimento do grupo. Imprescindível para a legitimação da admissão parece ser o traquejo social necessário para a interação exitosa, no contexto de interesses amorosos.

No grifo “nem um pouco”, há certa ambivalência que permanece ao longo de todo o romance. Por um lado, essa imagem recupera um elemento, com o qual o grupo se identifica e que serve para representar a masculinidade dominicana. Com efeito, a própria voz narrativa acaba se revelando como alguém que faz jus a essas expectativas, contrapondo-se, portanto, completamente à realidade de Oscar Wao. Assim, ao expressar que ele não se enquadra de modo algum, ele baseia esse julgamento em experiências próprias. Por outro lado, o romance e, com ele, a voz narrativa também questionam essas pressuposições, a fim de desconstruir a narrativa estável e fixa da condição dominicana. Com essa ambivalência, surge, portanto, uma espécie de dialogismo que serve a vários discursos, no sentido de

jogar com suas regras discursivas e desestabilizá-las. Weese (2014, p. 90) argumenta, em seu estudo, que o narrador Yuniór passa por um processo de formação e revisão dos papéis tradicionais da masculinidade dominicana, ao tecer sua narrativa.

Enquanto a parte inicial da citação capta uma imagem que permeia o grupo, a segunda recupera mais estritamente elementos do cerne familiar, em todos os casos, trata-se de um círculo social mais restrito, pois a idade de Oscar Wao nesse momento é de sete anos, o que limita suas experiências com expectativas de grupo mais extensas. Nesse sentido, parece ser seguro assumir que ele desempenha sequências de roteiros narrativos sugeridos no círculo familiar:

Como naquele tempo (ainda) era um garoto dominicano “normal”, criado numa família dominicana “tradicional”, a tendência a cafetão que despontava foi estimulada tanto pelos amigos quanto pela parentada. Durante as festinhas — e havia muitas delas nos idos anos 1970, muito antes de Washington Heights ser Washington Heights, bairro do crime, muito antes de só se ouvir espanhol nos quase 100 quarteirões da Bergenline — algum parente embriagado sempre empurrava Oscar na direção de uma garotinha e, então, os beberrões faziam a maior algazarra ao ver os dois imitarem quase com perfeição o reboledo dos adultos. (DÍAZ, 2009, p. 19-20)

A ambiguidade mencionada anteriormente volta nessa passagem ao colocar a palavra “normal” entre aspas. Com elas, a voz narrativa, no mínimo, indica seu ceticismo em relação a essa visão de mundo. Ao mesmo tempo, a ideia de normalidade também revela concepções que imperam nessa configuração social. Ser criado numa família tradicional, nesse contexto, significa colocar em prática um determinado comportamento e, com isso, um roteiro de interações que preveem papéis de gênero. O momento festivo, em que parentes e amigos se reúnem, serve de plataforma para investir no treinamento.

Em especial, é o corpo que recebe destaque, como plataforma simbólica. Ainda antes da narrativa oral, o corpo precisa internalizar a gestualidade, o ritmo e o conhecimento de espaço, a fim de causar a impressão desejada. Isso vale tanto para as habilidades de dança, que voltam a ser importantes nessa passagem, mas, sobretudo, também para o corpo masculino, que segue um roteiro de concretização simbólica, a fim de ser percebido como pertencente a esse grupo. Os acertos alcançados e o bom desempenho são imediatamente recompensados com reconhecimento e atenção. Com os ruídos da algazarra, o grupo reconhece a consonância do comportamento com as expectativas e incentiva o menino a dar continuidade a suas tentativas de participação nessa comunidade simbólica.

A ausência de qualquer intervenção, por parte da família, por exemplo, parece indicar que isso é bem-vindo e representa uma contribuição para o

percurso de formação do garoto. Com efeito, uma das funções da festa é justamente servir como espaço para o treinamento da imitação dos adultos, incluindo a apropriação da rede simbólica necessária para isso. Mais tarde, Oscar exercita comportamentos semelhantes no seu caminho para a escola e, ao beijar as meninas que lhe concedem atenção, a reação de amigas da mãe é de aclamação: “(Olhem só o machito, diziam as amigas da mãe dele. Que homem!)” (DÍAZ, 2009, p. 22). Com isso, indicam que se encontra no caminho correto para alcançar a rede simbólica corporal necessária para pertencer ao grupo.

Na citação anterior, o lugar de treinamento se encontra dentro das coordenadas do espaço estadunidense. Isto é, o enfeixamento de atenção para a internalização da gestualidade e do ritmo corporal não está voltado para o estilo do grupo majoritário, mas sim para a narrativa do corpo étnico. Isso revela a que lugar primário o protagonista e sua família conferem importância para disputar a concessão de pertencimento. Nesse momento de seu percurso identitário, Oscar está concentrado em atender as expectativas de seu círculo. Assim, ao passar as férias na República Dominicana, ao menos nesse momento, não há estranhamento para a criança nascida nos Estados Unidos:

Esse muchacho está bueno! (Que mal havia em ele ser ansioso e ter déficit de atenção? Nenhum!) Na RD, durante as visitas de férias à família em Baní, Oscar ficava ainda mais impossível; postava-se diante da casa de Nena Inca e mexia com as transeuntes: Tú eres guapa! Tú eres guapa!, até que um dia uma adventista se queixou com a avó dele, que deu fim à farra na mesma hora. Muchacho del diablo! Isto aqui não é cabaré não! (DÍAZ, 2009, p. 21)

No país de origem de sua mãe, Oscar obtém mais oportunidades para aperfeiçoar seu conhecimento. Semelhantemente ao que ocorre nas festas das comunidades dominicanas nos Estados Unidos, também aqui ele encontra estímulo indireto para exercitar a encenação do corpo, em consonância com as expectativas do grupo. Em seu estudo, Kunza (2013, p. 217) reconstrói as narrativas étnicas e os princípios de inclusão e exclusão válidos para a República Dominicana, mostrando a arbitrariedade e a fragilidade dessas categorias. Assim, na casa de Nena Inca (a mãe adotiva da mãe de Oscar), ele volta a trazer a lume uma sequência de comportamentos que remontam, sobretudo, a expectativas de gênero. Estas preveem o desenvolvimento de uma narrativa de “conquistador”, o que inclui, como a palavra sugere, um campo semântico em volta do belicoso. Isto é, o roteiro de ação demanda temeridade, agressividade e ocupação de espaço alheio, especialmente do sexo oposto, a fim de afirmar poder e presença.

Como na festa realizada nos Estados Unidos, também a visita à República Dominicana ajuda a estabilizar essa imagem a ser alcançada. O elogio que abre a citação e a ausência de intervenção no comportamento de assédio indicam que o

comportamento recebe validação e tem o apoio dos atores sociais mais próximos. Isso muda quando a reputação da avó está em risco, diante da reclamação de uma conhecida. Nesse momento, ela interfere, sugerindo o cabaré como espaço lícito para isso, mas sem interpor de forma explícita que o comportamento não seria adequado para a imagem de gênero. Isto é, a interferência somente reorganiza a distribuição do espaço para a concretização desse roteiro para o corpo.

DESVIOS E DISSONÂNCIAS CORPORAIS

Em todas as passagens citadas acima, há indícios de que há uma clara dissonância entre as expectativas alimentadas pelo grupo no que toca à concretização do corpo e o corpo que Oscar Wao, de fato, detém como capital pessoal para sua concretização identitária. Nessa primeira fase de sua socialização, esse corpo ainda está em desenvolvimento, sem a estabilidade simbólico-narrativa alcançável num estágio mais avançado do percurso identitário. Com efeito, o corpo como malha simbólica em momento algum se estabiliza definitivamente, mas a infância e especialmente a adolescência parecem ser especialmente instáveis, uma vez que a criança, depois o jovem, experimentam diferentes formas de viver o corpo. Em alguns casos, o entorno social possibilita liberdade para a descoberta da narrativa que mais se encontra em consonância com as imagens de si do indivíduo. Em outros casos, há uma constante pressão, em forma de vigilância e punição que buscam sujeitar o indivíduo ao corpo tido como apropriado. Esse é caso de Oscar Wao, cujo pertencimento – provavelmente o mais importante capital afetivo – depende em grande parte dessa adequação.

Assim, na socialização de seu corpo como instrumento simbólico para participação de uma comunidade de pertencimento, há diferentes elementos que chamam a atenção, nessas passagens iniciais do romance, para desvios de expectativa que, no desenvolvimento do enredo, vão se evidenciar com mais clareza. Entre parênteses, sugerindo menor importância para o conjunto de informações mediadas no contexto da última citação do segmento anterior, a voz narrativa escreve: “(Que mal havia em ele ser ansioso e ter déficit de atenção? Nenhum!)” (DÍAZ, 2009, p. 21). O foco de atenção de Oscar Wao está voltado para a realização de expectativas alheias; o foco dos circunstantes está interessado em identificar elementos que afirmem a narrativa de grupo. Desse modo, os distúrbios psiquiátricos experimentados por Oscar, que, por sua vez, também representam formas de concretizar o corpo, acabam relegados a segundo plano, no escopo da percepção. Isto é, a voz narrativa, ao retrazar o caminho do percurso identitário do protagonista, recupera evidências da dissonância entre corpo e expectativa do grupo já nessa primeira fase de sua socialização, sem que estas recebam atenção primária por parte dos outros integrantes da interação.

Interessados em reforçar os elementos que formam a base da identidade étnica, os diferentes atores sociais que interagem com Oscar Wao nesse momento o estimulam a pôr em prática a rede simbólica que define seus comportamentos. Gonzalez (2016, p. 284) defende que diferentes formatações de poder ou ideologias dominantes produzem as subjetividades dos personagens desse romance. As dissonâncias tendem a ser ofuscadas, mas não passam despercebidas:

Em qualquer outra parte, seu escore zero com as gatas teria passado despercebido, mas acontece que estamos falando de um garoto dominicano, de família dominicana: o cara tinha que dominar o jogo no nível atômico, ter legiões de mulheres gostosas loucas por ele. Todos notavam sua falta de ginga e, como eram dominicanos, sempre tocavam nesse assunto. Seu tio Rudolfo (apenas recentemente libertado em última instância na Justiça e agora mais um morador da casa dos Léon em Main Street) era muito generoso em seus ensinamentos: É o seguinte, palomo: pega uma muchacha, y metéselo. Isso vai dar um jeito em tudo. Começa com uma baranga. (DÍAZ, 2009, p. 32)

O início da citação indica que o interesse do trabalho de percepção é desencadeado pelo pertencimento ao grupo étnico. Ele oferece o crivo a partir do qual a realidade (ficcional) é apropriada e, sobretudo, interpretada. Nesse sentido, a voz narrativa sugere que, se o contexto fosse outro, o modo como essas informações seriam processadas seria igualmente diferente. O conflito, portanto, reside na dissonância entre concretização da rede simbólica corporal, nesse caso especificamente a interação do cortejo, e a imagem dominante do grupo que serve como modelo e narrativa de identificação. Com isso, o corpo, sua gestualidade e seu potencial como capital social recebem uma atenção maior, dada a importância atribuída a esses elementos da narrativa pessoal.

Com isso, em mente, seu tio se aproxima de Oscar Wao, a fim de guiá-lo em direção a um comportamento que reduza a dissonância. Ele é o mediador da concepção patriarcal da masculinidade que transcende as fronteiras da República Dominicana (RAMÍREZ, 2013, p. 395). O modo como transmite seus conhecimentos não revela sutilezas nem rodeios. Assim, a recomendação a seu sobrinho vai direto ao ponto, para que Oscar Wao comece a desenvolver uma sexualidade, se não nos moldes do estilo dominante no grupo, ao menos, de forma semelhante. Com efeito, o tio se promete que, uma vez iniciado, o sobrinho vai trilhar o caminho considerado típico pelo grupo. Nisso, ele não vislumbra a possibilidades de desvio, isto é, de comportamentos que não se enquadrem nos roteiros, com os quais ele mesmo foi socializado e lhe garante êxito no que toca ao pertencimento. Por isso, ele se encontra disposto a investir energia afetiva no sobrinho, com o objetivo de elidir essas diferenças o mais rapidamente possível.

A aporia da dissonância do corpo e sua gestualidade representa um elemento que perpassa o enredo e que configura a condição trágica do protagonista. A dissonância não pode ser elidida, nem mesmo com as recomendações práticas e diretas articuladas pelo tio. A observação da diferença, com uma tentativa de processá-la e inseri-la no universo pessoal de Oscar, simplesmente não existe. Em grande parte de seu percurso, permanece, nos membros sociais que o circundam, a negação da diferença e a expectativa de que se subordine às condutas consideradas adequadas pelo grupo.

Oscar Wao, de fato, investe uma parte substancial de sua energia afetiva e intelectual para estar à altura dessas expectativas, empreendendo com isso um esforço de repressão das dissonâncias:

(Me diz uma coisa, exclamou o sócio do Chucho. *Tu é dominicano mesmo?*) Depois, raspou o bigode, tirou os óculos, comprou lentes de contato com o dinheiro que ganhara no depósito de madeira e tentou refinar o que lhe restava de dominicanidad, tentou ser mais como seus primos arrogantes, de boca suja, no mínimo, porque começou a achar que talvez encontrasse uma solução na exacerbada masculinidade latina deles. Só que já estava em um estágio avançado demais para consertos rápidos. Quando se encontrou de novo com Al e Miggs, fazia três dias que passava fome. Miggs perguntou o que foi que houve *contigo?* (DÍAZ, 2009, p. 38)

O questionamento explícito sobre seu pertencimento o coloca diante da necessidade de se posicionar. Nem suficientemente afiliado à cultura americana, nem claramente arraigado na tradição dominicana, Oscar Wao se encontra num limbo que lhe causa desconforto. Contudo, somente os questionamentos dos atores sociais que o circundam não seriam suficientes para desencadear a crise de representação identitária. Com efeito, ele não encontra a harmonia necessária para a produção de malhas de sentido a partir das dissonâncias que o caracterizam. Com o objetivo de elidir essas marcas que impedem a geração dos sentidos desejados, ele empreende o esforço de adaptar o corpo e se apropriar de estratégias de representação que produzam semelhança com o grupo ao qual confere importância.

Nesse contexto, o bigode e os óculos são retirados por simbolizarem algo que não conflui com a expectativa do grupo étnico. Ele investe o capital econômico escasso na transformação da imagem do corpo, atentando para aquelas redes simbólicas que têm um potencial de recuperar ou instaurar um corpo dominicano. Para isso, seus parentes lhe servem de modelo na busca por formas de comportamento, especialmente na administração afetiva, mas também na encenação na palavra, marcada por agressividade e por um idioleto que condensa essa identidade étnica. Com efeito, o corpo e sua gestualidade passam por um

processo de vigilância interna, a fim de submetê-lo a uma rede simbólica, cuja origem não é o desenvolvimento natural do si, mas sim uma narrativa externa adotada em busca de pertencimento.

Essa narrativa, contudo, por ser externa e não fruto de um crescimento pessoal, contém sentidos que não têm impacto real no percurso identitário de Oscar Wao. Assim, todo o esforço que busca eliminar as diferenças entre ele e o grupo ao qual almeja pertencer produz, por sua vez, um estranhamento entre ele e seus amigos Al e Miggs, ambos igualmente marcados pela diferença e pela exclusão do grupo majoritário. Diante de um corpo modificado, os amigos reconhecem outra dissonância, não somente entre Oscar e eles como grupo, mas sobretudo entre corpo e identidade do amigo. Esse desvio duplo acaba intensificando o efeito de estranhamento e, com isso, de seu não reconhecimento como integrante do grupo. Desse modo, a tentativa de submissão do corpo às práticas de simbolização que imperam no grupo étnico se revela como fracasso, uma vez que o protagonista não consegue alcançar o ideal de corpo necessário para isso. Ao mesmo tempo, ao trilhar esse caminho, Oscar Wao também coloca em risco o pertencimento, por mais frágil e instável que seja, que ele já tinha conquistado junto a amigos semelhantes.

O desejo de alcance desse ideal acaba se tornando uma espécie de ideia fixa: “Oscar tinha certeza absoluta de que Ybón era a última tentativa desesperada do Poder Supremo de colocá-lo no caminho certo da *hombredad* dominicana. Se deixasse essa chance escapular, bom, ia ter que se contentar com o RPG *Villains & Vigilantes*” (DÍAZ, 2009, p. 281). A imagem de gênero e etnicidade mediada pelo grupo para o qual busca pertencimento permanece como norte de sua concretização de identidade. Todas as outras ofertas de narrativas do si lhe figuram como insuficiência e fracasso. De certo modo, Oscar Wao se transforma em vítima dos processos de homogeneização não só do estado-nação, como discute Mermann-Jozwiak (2013, p. 16), mas também dos elementos que produzem a identidade de grupo. Ao não reconhecer outras possibilidades de organizar sua narrativa de identidade no marco da fluidez e do despertencimento, sua existência acaba assumindo elementos de tragicidade. Nisso, o desafio maior parece não residir na invisibilidade, pois sua diferença faz com que seja ininterruptamente visível. O conflito maior reside no desejo de alcançar um corpo invisível, que lhe permite pertencer e fazer parte de uma identidade de grupo em que a diferença se desintegra como marcador de exclusão.

CONCLUSÃO

Entre um tom jocoso e trágico, Junot Díaz aborda um aspecto central das literaturas oriundas de fluxos migratórios, a saber, o lugar do corpo no processo

de construção da narrativa de identidade. Ao mesmo tempo em que ele constrói personagens que estão em consonância com as expectativas dirigidas ao corpo de indivíduos pertencentes a minorias étnicas, ele também encena a crise de um protagonista, marcado pela inabilidade de fazer jus a essas exigências quanto a ritmo, gestualidade e instauração de presença desse corpo, nos diferentes contextos de interação social.

Embora Oscar Wao seja estimulado, no círculo de sua primeira socialização cultural, a internalizar as redes simbólicas necessárias para obter a validação de pertencimento, seu percurso biográfico o afasta cada vez mais dos roteiros oferecidos pelo grupo ao qual se sente afiliado. Isso, contudo, não ocorre como fruto de uma escolha própria – o que não é raro nesse campo literário, onde muitos protagonistas da segunda geração optam justamente por se afastar dos elementos culturais herdados dos pais. Oscar Wao, na verdade, empreende um grande esforço em alcançar essa habilidade de produção simbólica, mas o resultado desse empreendimento é a dissonância entre o si e corpo. Confrontado com a impossibilidade de fazer jus às expectativas do grupo, Oscar Wao enfrenta uma aporia em seu projeto de identidade, cuja solução é o aniquilamento do corpo.

REFERÊNCIAS

BURGESS, M. Elaine. The Resurgence of Ethnicity: Myth or Reality? In: *Ethnic and Racial Studies*, v. 1, 1978, p. 265-285.

DÍAZ, Junot. *A fantástica vida breve de Oscar Wao*. Tradução de Flávia Anderson. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.

ELLER, Jack David. Ethnicity, Culture, and "The Past". In: *Michigan Quarterly Review*, v. 36, nr. 4, 1997, s. p.

GONZALEZ, Melissa M. "The Only Way Out Is In": Power, Race, and Sexuality under Capitalism in The Brief Wondrous Life of Oscar Wao. In: *Critique: Studies in Contemporary Fiction*, v. 57, nr. 3, 2016, p. 279-293.

KUNSA, Ashley. History, Hair, and Reimagining Racial Categories in Junot Díaz's The Brief Wondrous Life of Oscar Wao. In: *Critique: Studies in Contemporary Fiction*, v. 54, nr. 2, 2013, p. 211-224.

MERMANN-JOZWIAK, Elisabeth Maria. Beyond Multiculturalism: Ethnic Studies, Transnationalism and Junot Díaz's Oscar Wao. In: *Ariel: A Review of International English Literature*, v. 43, nr. 2, 2013, p. 1-24.

RAMÍREZ, Dixa. Great Men's magic: charting hyper-masculinity and supernatural discourses of power in Junot Díaz's *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao*. In: *Atlantic Studies*, v. 10, nr. 3, 2013, p. 384-405.

WEESE, Katherine. “Tú no Eres Nada de Dominicano”: Unnatural Narration and De-Naturalizing Gender Constructs in Junot Díaz's *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao*. In: *The Journal of Men's Studies*, v. 22, nr. 2, 2014, p. 89-104.

DIONEI MATHIAS é doutor em Letras pela Universidade de Hamburgo (2011) e pela Universidade Federal do Paraná (2014). Atualmente é professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), atuando como professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Letras, na linha de pesquisa Literatura, comparatismo e crítica social. Dentre suas publicações, estão o livro *Neue alte Welt und altes neues Ich* (2011) e o artigo "Literatura e fluxos migratórios em contextos anglófonos: sobre a gênese discursiva de um campo de pesquisa" (*Scripta Uniandrade*, 2018).